

## INTEGRAÇÃO ENTRE ÉTICA E CONTEÚDOS TEÓRICOS E PRÁTICOS NA FORMAÇÃO: A VISÃO DE GRADUANDOS EM MEDICINA

**Autores:** NAIARA ALVES MACIEL SCHIAVINATO, MÁRCIA MENDES MENEZES, CÁSSIO DE ALMEIDA LIMA, FERNANDO RIBEIRO AMARAL, CAROLINE URIAS ROCHA, CRISTINA ANDRADE SAMPAIO, SIMONE DE MELO COSTA

### Introdução

O ensino da ética na medicina é uma das responsabilidades da graduação, que deve proporcionar aos estudantes o desenvolvimento da capacidade de lidar com conflitos no campo da moral, que podem estar presentes na prática profissional (REGO, 2003).

No Brasil, a disciplina de ética é vinculada à medicina legal. Uma disciplina, que na maioria das vezes é ensinada através de artigos e condutas proibidas, como o Código de Ética Médica. Sendo assim, falta na graduação um programa de ensino que passe por todos os períodos, de forma transversal, com profundidade, de modo a incentivar o desenvolvimento de assuntos humanitários, pelos futuros médicos. É necessário que cursos de medicina ofereçam não somente formação técnica, mas também pre-paração contínua em conteúdo das áreas humanas para promover reflexão e aprimorar o desenvolvimento moral dos graduandos (LUIZ D'AVILA, 2010).

Nesse sentido, os professores são exemplos de conduta, e precisam ser estimulados a se atualizarem no estudo da ética, pois são incentivadores diretos na formação dos acadêmicos. Além disso, os graduandos precisam ser instigados a se interessarem pelo tema e compreender sua importância (CAMARGO; ALMEIDA; MORITA, 2014).

No momento atual, há uma demanda por profissionais habilitados para tomar decisões prudentes frente aos dilemas morais relacionados à saúde humana. E o ensino de ética e bioética é imprescindível para qualificar melhor a formação ética do médico (SILVA, CARNEIRO, ANDRADE, 2013).

O objetivo deste estudo foi analisar a dissociação entre ética e outros conteúdos teóricos e práticos na formação médica.

### Material e métodos

Trata-se de pesquisa empírica e de abordagem qualitativa, de ética descritiva, realizada a partir das percepções de graduandos em medicina quanto ao ensino de ética. O cenário desta investigação foi uma universidade pública, situada no estado de Minas Gerais, Brasil.

Entrevistaram-se 24 estudantes de graduação em medicina. O critério de representatividade da amostra foi embasado na saturação dos dados, com abrangência do problema investigado em diferentes dimensões, com participação de dois estudantes em cada período de graduação do curso, sendo um do sexo feminino e um masculino.

A entrevista foi conduzida em local reservado para preservar o sigilo das informações, e em horário pré-definido com o participante do estudo. Teve como questão norteadora: "Qual a sua percepção sobre o ensino de ética na graduação em medicina?"

Os depoimentos foram gravados, e a seguir procedeu-se a análise categorial temática, proposta por Bardin (2011). Procedeu-se à leitura dos discursos, na íntegra, e identificação das categorias de análise nos depoimentos, ou seja, os relatos foram relidos, separadamente, no propósito de recortá-lo em torno do tema ensino da ética na graduação em medicina (BARDIN, 2011).

Para assegurar o anonimato das informações prestadas, os discursos foram identificados com códigos, letra "E", em referência à palavra estudante, seguido do número referente ao período de matrícula na graduação e da letra "F" para sexo feminino e "M" para sexo masculino. Por exemplo: EIF, estudante de medicina do primeiro período, do sexo feminino.

O presente trabalho foi elaborado a partir de uma das categorias reveladas na análise temática de conteúdo: "Dissociação entre ética e outros conteúdos teóricos e práticos".

### Resultados e discussão

#### Dissociação entre ética e outros conteúdos teóricos e práticos

Os graduandos percebem uma falta de contextualização do ensino de ética com os outros temas teóricos e com a prática médica. Eles acreditam que o ensino de ética deveria estar interligado com outros temas trabalhados na formação em medicina, buscando a contextualização dos conteúdos. E, também, deveria ser cobrado nos períodos subsequentes ao 1º período da graduação, momento que se discute o Código de Ética da Medicina, do Conselho Federal de Medicina:

*“Da mesma forma que você aprende bioquímica no primeiro período e nos outros períodos você usa o conhecimento de bioquímica, ética médica quando você aprende no primeiro período, ao longo dos outros períodos você deveria ser cobrado também” (E3M).*

Então, o ensino de ética se dá, também, pelo exemplo dos professores na aula prática. Contudo, a percepção do acadêmico é que nem sempre há articulação entre teoria e prática:

*“ Você vê o seu preceptor fazendo, você passa a fazer. Então é uma forma de aprender. Você, lê mas na prática você faz o que te demonstram. E muitas vezes essa ética não tá nessas demonstrações. Então a gente tem a teoria, mas quando vai pra prática, por estar acompanhado um preceptor e repetir aquilo inúmeras vezes, a ética muitas vezes ela deixa a desejar. Então assim: a questão teórica, ela deve vir para a prática. Então eu acho que tem que ser discutida no hospital, frente ao paciente, o que se deve e o que não se deve fazer” (E12M).*

Assim, os professores deveriam integrar o ensino de ética às vivências nos cenários de prática dos estudantes, articulando o conhecimento teórico-prático durante toda a graduação. A abordagem de ensino-aprendizagem com foco no estudante é uma proposta que estimula a busca de novos conhecimentos, conforme as demandas oriundas de uma realidade vivida. As experiências e vivências propiciam aos estudantes construir conhecimento, uma vez que eles se integram ao contexto de prática em que atuam, ou seja, deixam de ser agentes passivos (COSTA; TONHOM; FLEUR, 2016).

Os graduandos percebem que há uma dissociação entre teoria e comportamentos dos profissionais: *“(…) profissionais que não chegam no horário marcado com os pacientes, com os colegas, com os estudantes” (E8M)*. Para esses discentes, a falta de pontualidade ou ausências dos professores, sem justificativas e avisos prévios, representa desrespeito aos acadêmicos. Ponderaram que o respeito deve ser mútuo, de ambas as partes.

Esse relato realça, na perspectiva da formação médica, a relação docente/profissional-estudante, além da relação interpessoal profissionais-pacientes, sendo que as atitudes dos docentes e profissionais dos serviços de saúde passam a ser um modelo a ser seguido pelos estudantes, futuros profissionais.

Estudar os relacionamentos interpessoais envolvidos no exercício da medicina é importante, pois o tema traz a reflexão ética das relações de poder (MENEZES, 2011), o que exige adotar o princípio da solidariedade para uma convivência de sociedade fraterna (SILVA; CARNEIRO; ANDRADE, 2013).

Na visão dos acadêmicos, o ensino de ética é frágil nos cenários de prática. Eles percebem necessidade de o professor finalizar o atendimento clínico e lhes dar um *feedback*. Para eles, alguns colegas têm ou terão a oportunidade de discutir ética no cenário de prática com os preceptores, outros não. Na percepção dos estudantes a ética *“querendo ou não, é uma coisa que vai implicar diretamente na vida profissional” (E7M)*.

Cabe destacar que o ensino de ética não é trabalhado apenas explicitamente, mas, também, de forma implícita, pois os acadêmicos aprendem pela observação:

*“ Sempre que eu tenho alguma dúvida eu vou à escola e fico observando também a própria relação que os médicos têm com os pacientes, que os médicos têm com os colegas, porque através da observação a gente acaba aprendendo muita coisa” (E10M).*

A formação ética não se restringe ao aprendizado dos conteúdos ministrados nas disciplinas da área de ciências humanas, ela envolve conhecimentos em áreas diversas, para que possa desenvolver comportamentos a partir da observação de modelos. Os profissionais que estão envolvidos na formação do estudante são considerados importantes exemplos de conduta, e, por isso, a responsabilidade com a formação ética passa a ser também institucional (RIOS, 2016).

O ensino de ética na graduação, quando bem trabalhado, seja na teoria ou na prática, reflete, ainda, em satisfação dos usuários dos serviços de saúde:

*“Então assim eu acho que a ética para nós fica de lição mesmo ao longo do curso, pelo exemplo dos profissionais que a gente acompanha. E daí idealiza ser parecido porque é um jeito que é reconhecido pelos pacientes e colegas de trabalho. Querendo ou não, o que se deseja é que o paciente saia satisfeito da consulta” (E11F).*

Para atender às demandas atuais da área da saúde, há de se levar em consideração que o usuário deve ser assistido holisticamente, e não apenas como um ser biológico. Sendo assim, o processo de ensino-aprendizagem na graduação, para ser de qualidade, deve permitir a interlocução entre teoria e prática, e envolver a interdisciplinaridade. E, após a graduação, a formação ética ainda continua. Para propiciar essa formação permanente, as instituições de saúde devem ofertar cenários de prática para discutir e refletir sobre as questões que envolvem a prática dos profissionais (ANDRADE *et al.*, 2016). Além do mais, o ensino de ética deve integrar as diferentes disciplinas em sentido transversal e ser fundamentado nos próprios contextos e processos de trabalho, pela troca entre os atores sociais, no caso dos profissionais de saúde (BURGATTI; BRACIALLI; OLIVEIRA, 2013).

## Considerações finais

Este estudo revelou que, na ótica de graduandos em medicina, não há uma efetiva integração entre o ensino de ética e de outros conteúdos teóricos e práticos na formação, durante a graduação. Isso porque esse ensino encontra-se fragmentado em alguns períodos, não está associado às demais disciplinas e não se insere no decorrer dos outros períodos da grade curricular.

Ademais, é preciso integrar o ensino de ética às atividades de integração ensino-serviço vivenciadas nos cenários de prática. Deve-se promover uma sólida articulação do conhecimento teórico-prático durante toda a graduação, bem como a contextualização do ensino de ética com os outros conteúdos teóricos e com a prática médica.

Os docentes também precisam estar mais envolvidos com a formação ética do futuro profissional, pois são vistos por estes como exemplos de conduta. Dessa maneira, destaca-se que a instituição de ensino superior apresenta um inegável papel e indubitável responsabilidade com a qualidade do ensino, então precisa assegurar a formação ética de seus acadêmicos.

## Agradecimentos

Agradecimentos à Unimontes pela oportunidade de iniciação científica voluntária no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC-ICV) e à FAPEMIG pelo financiamento da pesquisa (processo CHE-APQ. 00707-15).

## Referências

ANDRADE, A. F. L. *et al.* Processo ensino-aprendizagem em Bioética: um debate interdisciplinar. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p. 102-108, 2016.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70; 2011.

BURGATTI, J. C.; BRACIALLI, L. A. D.; OLIVEIRA, M. A. C. Problemas éticos vivenciados no estágio curricular supervisionado em Enfermagem de um currículo integrado. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 47, n. 4, p. 937-942, 2013.

CAMARGO, A.; ALMEIDA, M. A. S.; MORITA, I. Ética e bioética: o que os alunos do sexto ano médico têm a dizer. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 2, p. 182-189, jun. 2014.

COSTA, M. C. G.; TONHOM, S. F. R.; FLEUR, L. N. Ensino e aprendizagem da prática profissional: perspectiva de estudantes de medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 2, p. 245-253, 2016.

LUIZ D'AVILA, R. A codificação moral da medicina: avanços e desafios na formação dos médicos. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, Recife, v. 10, supl. 2, p. s399-s408, 2010.

MENEZES, R. A. Entre normas e práticas: tomada de decisões no processo saúde/doença. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 1429-1449, 2011.

REGO, S. A. **A formação ética dos médicos: saindo da adolescência com a vida (dos outros) nas mãos**. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2003.

RIOS, I. C. Humanidades Médicas como campo de conhecimento em medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p. 21-29, 2016.

SILVA, J.; CARNEIRO, H. M. L.; ANDRADE, A. C. C. P. Ensino de bioética na graduação de medicina: relato de experiência. **Revista Bioética**, Brasília, v. 21, n. 2, p. 338-43, 2013.